

No princípio Lembro-me: estava ao colo de alguém. Havia um terreiro, uma casa ao fundo, ou no meio, isolada. Nem árvores, nem arbustos, só um corvo esgravatava, na terra vermelha, como um borrão saltitante.

E o sol.

Meio-dia, talvez.

Porque a luz vinha de todos os lados, e na casa não se distinguia um refúgio, uma sombra: desenho trémulo, sem protuberâncias nem reentrâncias que, de vez em quando, um golpe de vento parecia arrastar.

— É ali.

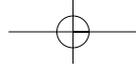
A minha chegada são estas palavras, com a sua clareza, ditas por ninguém. Voz sem corpo que soava um pouco atrás de mim, voz sem nome, sem sexo. Voz que afastava as coisas. Que me começou a perseguir, que me continuou a perseguir, que ainda me persegue. Voz que estará, no instante da minha morte, a dizer-me:

— é ali.

Eu tinha nove meses e não deveria lembrar-me.

Mas lembro-me. Com a exactidão desfocada dos que não sabem morrer.

O mundo começava com uma chegada, que era uma partida. Com uma viagem. É ali: lugar a que mais tarde viria a dar um nome. Um lugar que começou a crescer, até não haver lugar algum. Ou só a indiferença de todos os lugares:



— Vais.

Mas espera-te o mesmo. De vez em quando, abre-se uma nesga na indiferença do mundo e um freixo torna-se claro, uma sebe, uma ponte, um muro, a pena de uma rola, os lábios, uma palavra. Deus. É ali. E eu vou. Olhos abertos para a desolação de uma casa no meio de um ermo, de um vento cor de barro. De uma voz. E não se abria uma porta, nem se dava um passo. Só a voz tinha princípio e fim. É ali. O braço esticado à minha frente. E o dedo indicador, cheio de nódulos, a apontar.

E os meus olhos.

Que se lembram.

Lembram-se de ver.

:

Há um grande silêncio no vento.

Tem uma casa. E um pó de barro.

Há uma grande segura nos lábios:

sempre que falam, uma palavra esconde um deserto.

Há.

Em qualquer início um deserto.

:

— é ali.

Um terreiro. Onde a casa fechada mostra o choro da criança. O tempo da perseguição. Ou o começo do fogo. É ali. Que a sombra inicia um caminho. Não sabe como. Que palavra. Quais. A multidão? Um tijolo falta: em todas as paredes fabrica a cegueira de um muro. A arma com os seus movimentos cortantes. É ali. Mas o dedo apontado faz divergir, transforma a casa em atalho, onde as mulheres, sentadas na soleira das portas, catam os filhos, a cabeça das crianças nos joelhos e o ranho a cair-lhes na saia amarfanhada, mãe? enquanto os olhos resvalam pelas fábricas abandonadas. E se cortam no reflexo partido das vidraças. É ali. A porta. Que devora. Vidro a vidro, a casa. O mundo? Palavra bastarda, esta. Porque. O que devora é. O entulho a um canto. A unha suja de sangue.



Os piolhos esmagados. Os dedos a abrirem riscas no óleo do cabelo. Na caspa. E o indicador, lá no fim, em riste.

O sol fixou-se no pó.

Embaciava,

— É aqui.

:

Todos os objectos designam um abandono:

eis o início.

:

Gritam-lhe. Esse berro é. A explosão de uma parte do seu corpo. Ele balbucia. Mas as palavras que diz não lhe pertencem. As que os olhos lêem. As de todos os livros. Até as da mãe, quando atravessam o abandono de tantos anos. São palavras que o abandono separou. E qualquer boca as poderá soletrar. Como se estivessem escritas numa folha anónima. Ele quer falar e não pode: o começo de uma frase é já uma língua estranha. Um inimigo. Por isso, escreve. Tal como um talhante esquarteja a carne de uma cabra: em cada bocado desaparece o animal sacrificado. Corte após corte, outra coisa nasce. Sem redenção. Enquanto Deus. O quê? O sentido, essa ameaça, cerca-o, à espera: transporta uma ordem: basta começar a dizer. Esquecendo o sinal que há numa pausa.

*Estão sempre a recomençar
as palavras de qualquer fome.*

Estão sempre a recomençar qualquer fome.

Anónimas. Tornam anónimas todas as bocas. Todas as mãos.

Todos os gestos.

As palavras só prolongam palavras.

Até ao tumulto. De um rosto

não deixar que a repetição se torne uma casa. Repetir para matar e não para continuar, de modo que um passo, um mur-

múrio, um olhar sejam um nascimento. Que o cutelo do talhante não regresse ao início. E cada golpe atinja a violência do reconhecimento, para que nem a memória resista. E o animal se torne carne. E da carne se faça o verbo. Do verbo, a letra. Da letra, um pequeno risco. E do desencontro, o desencontro. Que não sabe falar: só um sussurro, sem deus, sem anjo, sem tragédia. Quase sem história. Como um pouco de cuspo. E depois, passar toda a vida a apagar esse quase. Ou a torná-lo tão incerto que nem os próprios olhos o reconheçam. Sermos os criadores da nossa incerteza. Por ela, com ela, fugirmos de todos os mandamentos, de todas as verdades. E, por fim, a boca na parede. O frio da cal.

:

Sem história, a dor é um nome indiferente.

Infância O alcatrão da estrada derretia. Derretia-se. Cada passo : um pequeno esforço para descolar as sandálias dessa pasta lustrosa e peganhenta. O mar, em baixo. E o ruído das cigarras, a crescer: monte de silvas, emaranhado. Hoje: o som do arame. Farpado. De um novelo de espinhos. Que, de súbito, desaparecia. E ficava o sol. Medonho. O suor na testa. Os moscardos nas pernas. Eu ia. Tudo era uma viagem, um verão inclemente pelo interior do abandono. De quando em quando, a vedação de uma sombra. Os meus óculos escorregavam pelo nariz, num peso desequilibrado que me desequilibrava, peso torto. Tosco. E caíam no alcatrão derretido. A luz ficava caótica. As azinheiras, o forte, a carqueja, a estrada, o mar: pulsavam, numa quietação de ameaça.

As cigarras.

Moíam.

Roíam.

Ruíam.

Conde de Monte Cristo: Aconchegado no calor do avô, pedia : conte, conte. E a história recomeçava. A mesma. Outra. Cada noite levava a um fim diferente. Ainda hoje não sei, nem quero saber, qual o seu verdadeiro fim. Que morte. Que fuga. Que viagem. Que naufrágio. Que ódio. Que ciúme. Que vingança. Assim, meu avô adiava a noite, uma noite. Todas as noites, a mesma história. Outra.

:
um livro acarinha como o sossego de um atalho que nos leva ao encontro? à nossa face, passo a passo, redesenhada? Um livro é a voz que o lê? Onde se perde?

*Estão sempre a recomeçar
as palavras de qualquer fome.*

Estão sempre a recomeçar qualquer fome.

*Anónimas. Tornam anónimas todas as bocas. Todas as mãos.
Todos os gestos.*

As palavras só prolongam palavras.

Até ao tumulto. De um rosto

o som da morte Os costilos fecham-se, em explosões secas. Arrepiado, levo as mãos às orelhas. E paro.

Mas depois corro. Som após som:

por entre as oliveiras, clareia uma guerra.

Estou só com a minha alegria: tantos pássaros: digo, enquanto a morte lavra para trás. E semeia uma luz de osso. Um dia que não sabe começar. Mejangras e picanços debatem-se, estrangulados, de asas abertas, aos estremeções, sobre a terra, na poeira convulsa de um voo. E eu corro, de morte em morte, abro o costilo e atiro o pássaro para dentro da sacola, atada ao cóis das calças por um cordel, e que me bate nos joelhos como uma almofada ainda morna. Este som já anuncia a minúscula gota de sangue ao canto do bico, o enxovalho das pe-